

A CIDADANIA E O DISCURSO DAS CARTEIRADAS: análise do diploma como instrumento de hierarquização

Lara Prazeres Ribeiro¹

Raul Chatel Neto²

RESUMO

As ordens de indexicalidade, frutos dos atos de comunicação, permitem compreender como a língua produz significados sociais a partir do que se fala e do contexto em que se fala. Com isso, o presente trabalho pretende avaliar como a ordem grau de escolaridade como sinônimo de ser alguém na vida se manifesta em discursos realizados espontaneamente em 2020, com o objetivo de entender como tais indexicais são entextualizados de forma recorrente e quais significados são carregados nesse processo. Para isso, o artigo se vale de referencial teórico pelas teorias de Blommaert (2015), Wortham e Reyes (2015), Melo e Moita Lopes (2014), DaMatta (1997) e Bauman e Briggs (1990).

Palavras-Chave: Indexicais. Entertextualização. Discurso.

ABSTRACT

The orders of indexicality, result of communication acts, allows to understand how the language products social meanings from what is said and the context in which it is said. Then, the presente paper intends to evaluate how the order schooling degree as a synonym of being someone in life is manifested in spontaneous speeches made in 2020, with the purpose of understanding how such indexicals are recurrently entextualized and what meanings are carried in this process. For this, the article uses the theoretical framework of Blommaert (2015), Wortham e Reyes (2015), Melo e Moita Lopes (2014), DaMatta (1997) and Bauman & Briggs (1990).

Keywords: Indexicals. Entextualization. Discourse.

As interações sociais revelam posicionamentos e apontam os discursos como espaço de disputa de poder. As desigualdades sociais, manifestadas em diversas esferas da sociedade, não se separam da língua, na qual estão impressas as marcas do desequilíbrio entre camadas distintas da sociedade. Um desses casos é a escolarização como elemento de manutenção de segregações.

Sérgio Buarque de Holanda, ao escrever sobre as raízes do Brasil, apresenta a noção de que existiu uma dificuldade para separar a vida pública da privada, postulando que “não era fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreenderem a distinção fundamental entre os domínios do privado e do público”

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Licenciada em Letras e Teatro, ambas pelo Instituto Federal Fluminense (IFF); Docente na Unisul; E-mail: laraprazeres.pro@gmail.com

² Pós-graduado em Direito Processual Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) e licenciando em Letras: Português e Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). E-mail: raul.chatel@gmail.com

(HOLANDA, 1995, p. 145), de modo que a gestão trataria interesses particulares como objetivos, permitindo que prevalecessem “a especialização das funções e o esforço para se assegurarem garantias jurídicas aos cidadãos” (HOLANDA, 1995, p. 146). Tal raiz, à nova maneira, se mantém na sociedade brasileira, ao passo que características profissionais, em uma relação simbiótica com as pessoais, passam a direcionar determinadas condutas e tratamentos individualizados, da forma considerada condizente com o *status* de um indivíduo.

Fala-se, historicamente, num senso de unidade do brasileiro como povo que reconhece e abraça sua identidade, sendo hospedeiro com os iguais e o estrangeiro. Isso, através dos estudos de Chauí (2013), é reconhecido como parte do mito fundador. Para tecer as considerações seguintes e a comunicação entre as classes diferentes de um país, é visceralmente necessário entender a mistificação trazida pela aludida autora.

Marilena Chauí (2013), portanto, preleciona a respeito do caráter dos ensinamentos trazidos em acordo com a ideologia dominante: fala-se no caráter nobre de nossa miscigenação; uma história cuja violência se resume a episódios específicos como Tiradentes; na coragem dos Bandeirantes. Uma terra sem catástrofes, acolhedora e abençoada; dentre outras. Resumem-se, portanto, em crenças generalizadas engendradas historicamente: a) terra abençoada; b) composta por um povo que preza por ordem e bons costumes, mesmo com suas mazelas patentes; c) um país sem preconceitos, afinal, a miscigenação é uma marca de nascença da constituição do povo brasileiro; d) pela nobreza do povo, são os brasileiros, por natureza acolhedores; e e), por abrigar contrastes regionais, as trocas culturais são enriquecedoras, faltando modernização para difundi-las ainda mais.

Discursos como esse foram historicamente inseridos nos campos educacionais, sociais e culturais, fazendo com que boa parte da população não só creia, como reproduza e veja as desigualdades com um olhar normal, as intempéries como algo característico da nossa formação. Questiona-se: essa formação identitária aconteceu? Partindo desse questionamento, analisa-se, pensando na linguagem, se é possível observar ao menos uma camada dessa ideia ser desmistificada, afinal, as relações humanas comunicativas são demarcadas pela fala.

Os atos de comunicação produzem significados sociais, interpretados na conexão entre o que foi dito – signos linguísticos – e em qual ocasião social o discurso foi produzido – contexto – (BLOMMAERT, 2005, p. 11). À isso chamamos indexicais. Além disso, há as ordens de indexicalidade, entendidas como uma sistematização de significados estratificados e reproduzidos tantas vezes a ponto de se tornarem normas ou regras, já que são comumente

associadas a formas particulares de linguagem (p. 73). Aqui, será feita uma breve análise das formas de linguagem associadas à ordem de indexicalidade referente ao *grau de escolaridade como sinônimo de ser alguém na vida*, discurso repetido tantas vezes de modo que chegou a assumir formas comuns na sociedade.

A partir disso, deve-se acionar a entextualização, que, segundo Bauman e Briggs (1990), é um processo capaz de extrair um discurso de seu cenário interacional, incorporando elementos do contexto e permitindo que o enunciado carregue, para outros contextos, aspectos da história de seu uso. Relacionando as reflexões desses autores, bem como as de Silverstein (1976) e Silverstein e Urban (1996), Wortham e Reyes (2015) sintetizam que, a entextualização, é o processo pelo qual uma interação com significado indeterminado pode tornar-se reconhecível como uma ação social.

A ação social analisada aqui é a de utilizar o ensino superior como separador da sociedade em dois grupos: o *cidadão comum* e o *cidadão alguém na vida*, ao qual as regras comuns não se aplicam. A entextualização permitirá perceber como essa ação circula na sociedade realizando paradas a partir das quais se reconhece a ideia do “você sabe com quem está falando?”, ação social mais antiga e correlata, que evoluiu com o tempo, originando variantes como a carteirada do diploma, componente da ordem de indexicalidade selecionada.

Já na década de 90, o fenômeno das carteiradas assumia uma posição de destaque nas interações sociais que passassem por algum tipo de conflito, tanto que o antropólogo Roberto DaMatta (1997) estabeleceu o enunciado “sabe com quem está falando?” como sendo um rito autoritário utilizado para separar posições sociais, situando quem o usa numa posição superior (DAMATTA, 1997, p. 197). Longe de ser uma prática recente, a manifestação ganha novas roupagens ao decorrer das remodelações culturais, como o autor aponta:

Na medida em que as marcas de posição e hierarquização tradicional, como a bengala, as roupas de linho branco, os gestos e maneiras, o anel de grau e a caneta-tinteiro no bolso de fora do paletó se dissolvem, incrementa-se imediatamente o uso da expressão separadora de posições sociais para que o igualitarismo formal e legal, mas evidentemente cambaleante na prática social, possa ficar submetido a outras formas de hierarquização social. (DAMATTA, 1997, p. 199)

Percebe-se, em eventos hodiernos que, a hierarquização social vem assumindo a forma da posse de diploma como separador de classes. No ano de 2020, algumas situações envolvendo destaque de profissão em contextos de conflito ganharam mídia, levantando a questão: por que e quando as carteiradas acontecem? No contexto vigente, muitas regras – como usar máscara

nos estabelecimentos e horário de funcionamento reduzido – foram impostas a fim de conter e minimizar o contágio de Covid-19, e o cumprimento ou descumprimento dessas regras geraram desordens nas quais a profissão foi evocada. Embora se faça aqui um recorte bastante curto diante da recorrência do fato, pretende-se analisar como esses eventos indexalizam uma frase que acompanha a cultura popular há tempos: estudar para ser alguém na vida.

O evento mais recente aconteceu em uma padaria, em São Paulo, em novembro de 2020. Uma mulher, sem máscara, está tratando mal uma funcionária, dizendo que ela presta para *pegar seus restos*, enquanto esfrega guardanapos na boca e os arremessa ao chão em direção à atendente. Dois clientes da padaria intervêm, dizendo que ela não tem esse direito, e, em determinado ponto da argumentação, ela diz: *Não sou prostituta, meu amor, sou advogada internacional. Cala a boca, sua bicha do caralho.*³

Nesse caso, a menção à profissão tida como socialmente de prestígio é utilizada a fim de estabelecer uma hierarquia. Para justificar a liberdade de agir com desrespeito, a mulher mobiliza a ordem de indexicalidade referente ao *grau de escolaridade como sinônimo de ser alguém na vida*. Ela, advogada internacional, portanto com curso superior completo, não deve ser limitada; seu interlocutor, artista, predicado como uma bicha, deve se calar diante dela; a atendente da padaria presta apenas para pegar restos. O resgate da profissão, nesse contexto, serve como pista linguística de adequação ao que se entende nessa ordem de indexicalidade: ter grau de escolaridade e uma profissão prestigiada faz da mulher alguém na vida, o que significa, nesse caso, ter o direito de desrespeitar os demais com base em uma superioridade intelectual suportada por discursos desse tipo.

Um pouco antes disso, em setembro do mesmo ano, também em São Paulo, um grupo chega a um restaurante dez minutos antes do fim do expediente. Os funcionários avisam que não poderão atendê-lo devido ao horário. Inconformado, um homem resiste e exige que seja atendido, ao passo que a dona do restaurante pede que ele se retire; nisso, inicia-se uma confusão envolvendo outros clientes, e são proferidas, de ambas as partes, frases sobre *ser educado* e *ter berço*. Esse indexical já é evocado a fim de posicionar social e financeiramente os interlocutores, mas os lados parecem estar nivelados.

³ De acordo com os portais de reportagem e entrevista das testemunhas:
https://www.faroldabahia.com/noticia/video-advogada-agride-com-xingamentos-homofobicos-homem-em-padaria-da-zona-oeste-de-sao-paulo?fb_comment_id=3529125677174128_3529495570470472

Em mensagem gravada para as redes sociais após o evento, o senhor declara o seguinte: *Aqui teve educação. Teve educação americana, educação europeia, e somos pessoas que viemos do trabalho, não dessas baixarias desses moleques filhinhos aí que ficam falando que o pai deles é médico, porque médico tem aqui, com CRM vigente.* Nessa fala do médico, percebe-se a mesma ordem de indexicalidade, suportada por outros sinais que produzem significado social.

Essa superioridade social sustentada pelo grau de escolaridade se manifesta em dois pontos principais:

a) a educação estrangeira – o locutor da mensagem marca pertencer a um grupo que recebeu educação americana e europeia como uma forma de se destacar dos demais. O dêitico *aqui* pontua que em seu lado da desavença há essa qualidade positiva, enquanto no lado oposto, dos funcionários, frequentadores e donos do restaurante, não há. Eles podem até ter graduação, mas não exterior. Sobre seus opositores, ele menciona o dêitico *dessas* e *desses* para opor a origem deles a de seus pares: uns vêm do trabalho e outros, de baixarias;

b) a profissão de prestígio social – ele marca ser médico com CRM vigente, ou seja, atuante e registrado. Nesse ponto, também se destaca uma oposição a partir de elementos dêiticos. Com o item *aqui* ele define que em seu grupo de fato há um médico, enquanto, no grupo oposto, há apenas filhos de médicos, ressaltando que ser formado em medicina vale mais que ser filho de alguém que passou por essa graduação.

DaMatta (1997, p. 190) aponta que quanto mais alta a posição social, mais impacto tem o uso do “sabe com quem está falando?”; na carteirada do diploma essa relação se mantém. O falante está em um embate com pessoas pertencentes a sua bolha social, portanto busca estabelecer a separação elevando seu *status* a partir do bônus *educação estrangeira e profissão de prestígio*, elementos que os interlocutores não possuem e, por isso, estabelece a segmentação, colocando-o acima na pirâmide social.

Um pouco antes desse evento, em agosto, após desrespeitarem tanto as orientações de segurança para a pandemia da prefeitura de Campos dos Goytacazes, quanto as leis de silêncio, um grupo de moradores de um prédio se aglomerava, no bar do proprietário do imóvel, com amigos e clientes, causando barulho após a meia-noite. Os vizinhos, ao pedirem para diminuir o volume, foram respondidos com ofensas homofóbicas, machistas, ameaças e, em determinado momento, uma das mulheres do grupo proferiu: *Chama a polícia, puta, três faculdades que eu tenho e eu não faço esse escândalo que você faz, sua puta.*

No caso em questão, a ordem de indexicalidade é evocada para denotar dois fatores: a) a posição acima da lei – como se o grau de escolaridade a protegesse do descumprimento das regras e garantisse um tipo de imunidade contra a chegada da polícia; b) a etiqueta – considerando que mesmo que tenha aval para realizar escândalos, dado sua formação acadêmica, não o está realizando. O indexical *escândalo* também merece atenção: a locutora separa o que considera uma atitude escandalosa do que é aceitável socialmente. Suas atitudes – desrespeitar leis de silêncio e protocolos de pandemia, praticar crimes de homofobia, desferir ofensas e ameaças – são socialmente legítimas; a atitude da interlocutora – pedir para diminuir o volume – é considerada um escândalo. O traço que categoriza as atitudes tem origem no grau de escolaridade, lexicalizado a partir do sinal *três faculdades*.

Por fim, o mais antigo e relevante evento envolvendo essa ordem de indexicalidade, no ano de 2020, ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, em julho. Quando as precauções diante da pandemia de Covid-19 afrouxaram-se e houve a reabertura dos bares, funcionários da prefeitura do Rio de Janeiro foram fiscalizar os estabelecimentos, advertindo aqueles que não respeitassem o distanciamento ou não fizessem uso de máscara. Na ocasião, um casal, sem máscaras, é gravado questionando a ação da Vigilância Sanitária. O homem indaga onde estaria a trena do fiscal para medir a distância entre as pessoas, o fiscal responde com “tá, cidadão...” e a mulher o repreende com *Cidadão não, engenheiro civil, formado, melhor que você*.⁴

Novamente, o diploma é utilizado para promover a hierarquização social. É bastante claro como a separação ocorre sustentada pela formação em engenharia civil, sendo o curso uma primeira pista indexical selecionada, e o enunciado *melhor que você* outra pista que manifesta uma forma de marcar a superioridade. Apesar de bastante claro como essa ordem de indexicalidade se desenvolve, um item indexical se destaca: a modalização lógica *Cidadão não*.

Melo e Moita Lopes (2015, p. 662) listam as modalizações propostas por Bronckart (2007) e, dentre elas, destaca-se, para os propósitos dessa pesquisa, a modalização lógica, a partir da qual ocorre um julgamento “sobre o valor de verdade das proposições enunciadas”. A enunciadora realiza essa modalização ao negar o valor de verdade do vocativo “cidadão” direcionado ao marido. A fim de justificar que tal predicação não é válida para ele, ela evoca

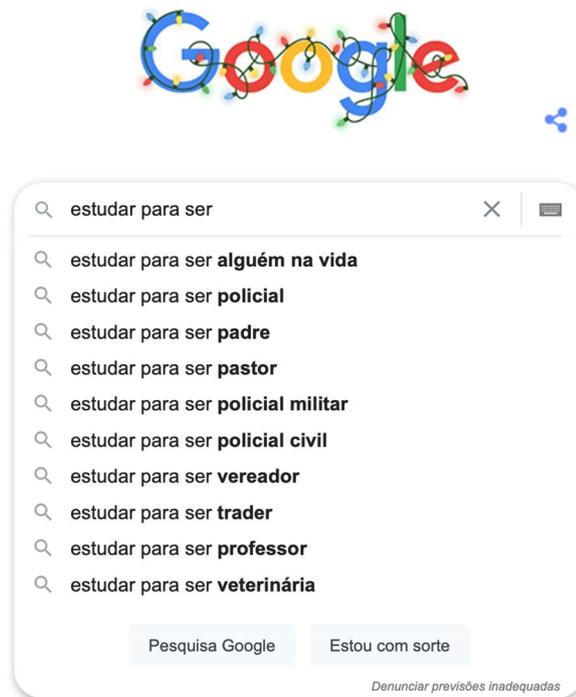
⁴<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/08/um-dia-antes-de-cidadao-nao-engenheiro-civil-formado-outra-fiscal-da-prefeitura-do-rio-sofreu-ameaca-durante-inspecao.ghtml>

sua formação acadêmica, denunciando um posicionamento que o distingue da classe de cidadãos.

Isso pode ser explicado pela ordem de indexicalidade analisada. Entende-se, como cidadão, qualquer indivíduo habitante de uma cidade, categoria ampla e que abarca a todos, não estabelecendo hierarquia alguma. Tendo o grau de escolaridade a função de estabelecer distinção entre os membros da sociedade, a esposa pontua que seu marido, engenheiro civil formado, é alguém, enquanto o fiscal – localizado pelo dêitico *você* – é inferior e pertencente à categoria de cidadãos. Nesse evento, ao dizer (ele – o marido – é) *melhor que você*, vê-se o pronome pessoal direcionando a hierarquia social.

Todas essas quatro ocorrências fazem parte da ordem de indexicalidade que entextualiza elementos da ordem *ser alguém na vida*. Esse discurso que busca separar cidadãos e indivíduos de prestígio reforma a pergunta “você sabe com quem está falando?”, definindo que, agora, o grau de escolaridade é capaz de promover essa distinção e elevar um cidadão com diploma ao patamar de *alguém*. A ideia do estudo como separador está tão enraizada na sociedade que ao escrever “estudar para ser”, na plataforma Google, em janela anônima, a primeira sugestão de preenchimento da busca é “ser alguém na vida”, muito embora a precisão dos algoritmos necessite de cuidado e relativização na hora de qualquer análise.

Figura 1 – Complementos para “estudar para ser”



Fonte: Elaborado pelos autores (2020). Pesquisa feita em 22/12/2020.

Antes de qualquer profissão e acima de qualquer formação, a ideia do estudo está associada a ser alguém na vida. Esse discurso arraigado no tecido social foi entextualizado ao longo dos anos, tanto por eventos como os analisados acima, como por tirinhas que podem suscitar uma configuração recorrente dessa ordem.

Em 2017, o artista Alexandre Beck ilustra essa situação na tirinha de Armandinho a seguir:

Figura 2 – Tirinha de Armandinho



Fonte: Alexandre Beck (2017).

O personagem questiona a necessidade de tanto estudo e recebe a resposta de que as pessoas precisam estudar tanto assim para serem alguém na vida. Armandinho reflete sobre como é possível não ser alguém. Analogamente, essa é a reflexão levantada após a negação feita em *Cidadão não*. Como é possível não ser cidadão? A enunciadora, entendendo que todos são cidadãos, define que não o é aquele que possui estudo acadêmico, tornando-se alguém. A tirinha, publicada três anos antes, reforça a ideia de que se torna alguém na medida que se estuda. Por contraste, a ausência de estudo acadêmico, pela ótica dos usuários de expressões como essa, desumaniza e destitui um indivíduo de uma categoria que meramente assume sua existência, restando a indagação: o que uma pessoa é antes do rito *colação de grau*?

Alguns anos antes, em 2013, a animadora e desenhista Rafaella Milani desenvolveu a mesma reflexão. O discurso de ser alguém na vida já vinha atrelado à formação acadêmica, mas um outro aspecto impulsionava o salto de *cidadão* a *alguém*. A personagem cursa artes e é confrontada quanto ao risco de sua escolha, recebendo o conselho de escolher outro curso, algum que lhe garanta dinheiro e a torne alguém na vida. Sendo assim, percebe-se que essa ordem de indexicalidade circula, ao menos na última década, realizando entextualizações as quais retratam a ideia de que ser alguém na vida é sinônimo de receber um diploma porque isso pode garantir dinheiro. Por essa lógica, ser alguém na vida é ter uma renda elevada e, respondendo à pergunta de Armandinho, não se é alguém na vida quando não se tem dinheiro.

Figura 3 – “Ser alguém na vida”



Fonte: Rafaella Milani (2013).

Os casos de 2020 analisados aqui são todos entextualizações da evolução do “você sabe com quem está falando?”, também relacionados à amálgama realizada entre a vida profissional e particular, já ponderada por Holanda, no Homem Cordial. Agora, a fórmula não aparece mais como pergunta, mas como a própria resposta. No estudo de DaMatta, na década de 90, analisava-se como a fórmula tinha como objetivo deixar subentendido que quem a falava tinha alguma posição de destaque na sociedade, e as respostas podiam variar entre um parentesco ou uma profissão, por exemplo.

A evolução da fórmula descarta a pergunta, a resposta é o que interessa: a) *Você está falando com um médico, com CRM vigente*; b) *Você está falando com uma advogada internacional*; c) *Você está falando com alguém que fez três faculdades*; d) *Você está falando com um engenheiro civil*. Esses destaques servem para comunicar aos interlocutores, que, pela lógica dos enunciadores, essas suas características têm relevância para o contexto. Nos quatro casos, o contexto era de descumprimento de uma convenção social, todos exigiam um tratamento especial, a atualização das garantias jurídicas apontadas por Holanda (1995) –

atendimento excedendo do horário; direito de destratar funcionários enquanto não usava máscara; aglomeração com barulho após a meia noite; direito de estar em aglomeração sem máscara e sem respeito ao distanciamento.

DaMatta (1997) realçou que, nas variações de situações em que a fórmula é aplicada, além de hierarquizar relações sociais, também se manifesta uma tentativa de separar a pessoa da norma, passando por cima ou por baixo:

diante da lei pode-se dela fugir; e, na ausência da lei, pode-se nela confiar. Em ambas as situações, existe uma separação concreta entre a pessoa e a norma; entre uma lei geral, impessoal, universal, e a pessoa que se define como especial e merecedora de um tratamento pessoalizante e separado. Com isso, o que se evita é a igualdade perante a lei e o consequente tratamento individualizado. (DAMATTA, 1997, p. 217)

Mais de 20 anos se passaram desde a publicação desse estudo e os eventos narrados aqui. A persistência desse discurso configura, como uma ação social já cristalizada, o ato de utilizar o diploma como uma carta de dispensa das regras. Assim como a fórmula “você sabe com quem está falando?” servia para hierarquizar e separar a pessoa da norma, o grau de escolaridade exerce essa função a partir da crença de que este e a obtenção de diploma são fatores que garantem tratamento diferenciado.

A ação social retratada por essa ordem de indexicalidade é um elemento cultural o qual deve ser analisado a fim de ser reparado. A associação entre diploma e regras, entre grau de escolaridade e direitos, entre estudos e cidadania revela uma hierarquização da sociedade que separa os cidadãos entre quem merece uma abordagem especial e quem não merece, fortalecendo a ideia de que, quanto mais alto se estiver na pirâmide social, mais individualizado será o tratamento, podendo escapar das regras ou criar outras que se adequem a sua vontade. Ser alguém na vida, o que por muito tempo vem sendo associado à faculdade cursada e à quantidade de dinheiro que se tem, é, então, colocado na sociedade como ser alguém diferenciado dos cidadãos.

Embora o tempo passe e os contextos se alterem, é possível ver que essa ação social permanece presente, fazendo circular discursos os quais, de certa forma, reforçam uma visão arcaica de que as leis, assim como as noções de ética e de moralidade não se aplicam àqueles que se encontram alguns degraus acima em uma pirâmide social. Desse modo, o efeito produzido pelo discurso das carteiradas revela uma tentativa de se agarrar a qualquer detalhe

que seja capaz de diferenciar e elevar um cidadão comum o qual deseja ser visto como algo além daquilo que é, a fim de escapar do inevitável: o cumprimento da cidadania.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, R; BRIGGS, C. Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life. *In: Annual Review of Anthropology*, v. 19, p. 59-88, 1990. Tradução publicada na Ilha – Revista de Antropologia, com o título “Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social”.

BECK, A. **Armandinho**. 2017. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/post/159509436684/tirinha-original>. Acesso em: 22 dez. 2020.

BLOMMAERT, J. Introduction. *In: BLOMMAERT, J. Discourse: a critical introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MELO, G.; MOITA LOPES, L.P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 653-673, 2014.

MILANI, R. **Alguém na vida**. Biblioteca Nacional n. 8689/13, 2013. Disponível em: <https://kamenezes.wordpress.com/2013/10/11/ser-alguem-na-vida/>. Acesso em: 22 dez. 2020

SILVERSTAIN, M. Indexical Order and the Dialectics of Sociolinguistic Life. **Language and Communication**. v. 23, n. 3-4, p. 193-229, 2003.

WORTHAM, S.; REYES, A. **Discourse Analysis beyond the speech event**. London: Routledge, 2015.